

## **PRODUTIVIDADE LEXICAL EM AS PELEJAS DE OJUARA: EXPRESSÕES POPULARES, TOPÔNIMOS, FAUNA, FLORA E CULINÁRIA POTIGUAR**

**Maria das Neves Pereira**  
**GEL/UFERSA- CAMPUS /ANGICOS**  
[nevespereira@ufersa.edu.br](mailto:nevespereira@ufersa.edu.br)  
[nevesj7@hotmail.com](mailto:nevesj7@hotmail.com)

### **Introdução**

Os estudos sobre a diversidade do português do Brasil, atualmente, têm se intensificado, constituindo objeto de investigações nas universidades brasileiras com a implantação de projetos linguísticos que visam, principalmente à descrição dos nossos falares e à aplicação destes falares no seio das comunidades de fala. Os projetos de atlas linguísticos: o ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), os atlas linguísticos publicados e os projetos de Atlas regionais em andamento ALiPI, ALiMA, ALICE e outros são exemplos dessas ações. Os Projetos NURCs (Norma Urbana Culta) das Universidades Federais do Rio de Janeiro, da Bahia, do Rio Grande do Sul, Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), também, ilustram esta trajetória de investigações. O Rio Grande do Norte se insere neste contexto as publicações de resultados de estudos dialetológicos e sociolinguísticos de pesquisadores da terra, bem como com publicações de trabalhos populares que envolvem esse campo de estudos. Muitos desses trabalhos estão mais voltados para o léxico do que para a descrição linguística propriamente dita. Podem-se citar Cascudo (1968), Protásio Melo (1981), Medeiros (2007) dentre os estudiosos que ampliam a vasta bibliografia que versa o registro, os vocabulários específicos de grupos sociais e de profissionais e expressões cotidianas dos potiguares, “*Palavreado Cá de Nós, expressões verdadeiras de nossa gente*”. Do ponto de vista geo-sociolinguístico, documentam-se o Atlas Linguístico do Litoral Potiguar, Pereira (2007), tese de doutoramento, apresentada ao programa de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - trabalho que oficializa os estudos dialetológicos e sociolinguísticos no Rio Grande do Norte - e os projetos, em andamento, ALiRN (Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte) e do Atlas Geolinguístico da Região do Oeste Potiguar, trabalho, em andamento, na UERN (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte).

Os estudos dialetais rurais, embora realizados assistematicamente, representam uma realidade na região potiguar e, em particular, têm assumido dimensão importante entre as investigações de estudos linguísticos porque advêm dos resultados de inquéritos realizados para o ALiRN e o ALiB. Os dados extralinguísticos obtidos, até então, tais como: a história política do Estado do Rio grande do Norte, a dimensão demográfica, os limites geográficos, numa perspectiva sincrônica, as atividades rurais, os costumes, a idade e o gênero dos falantes explicam as variações inerentes ao plano lexical que constitui objeto deste estudo. Estes fatores condicionaram reflexões sobre a riqueza vocabular nas diversas obras de autores potiguares e a imaginação popular, produtiva em todos os aspectos de compreensão das coisas da terra. Por esta razão, a obra *As pelejas de Ojuara*, Castro (2006), foi escolhida como fonte de pesquisa geo-

sociolinguística/dialetológica, cujo resultado constitui uma amostra da fala do povo potiguar numa perspectiva de produtividade vocabular.

*As pelejas de Ojuara – o homem que desafiou o diabo* faz parte de uma coletânea de romances do escritor norte-rio-grandense, Nei Leandro de Castro, tendo este romance inspirado o filme do mesmo nome em edição nacional. A obra classifica-se entre os romances de categoria regionalista, um deste “de um regionalismo saboroso e original”; segundo a crítica local, “é só procurar que encontra”, a qual não se limita em particularizar apenas a retratação do imaginário, mas também, os fatos reais no contexto linguístico. *As pelejas de Ojuara* constituem, portanto, um verdadeiro arsenal de variantes lexicais que caracterizam a cultura potiguar e a linguagem em uso nas várias regiões do Rio Grande do Norte, fato que justifica a escolha da referida obra para um estudo, além do literário, a que se propõe o autor, no decorrer de sua narrativa, apresentando um narrador onipresente com caneta e papel na mão, “Moysés Sesyon: ... sentou-se num tamborete, esfregou o nariz, alisou o queixo, começou a se lastimar. Celso da Silva (p. 153): \_ Como assim? Perguntou Celso, papel e lápis na mão, anotando tudo”.

O *corpus* para o estudo foi obtido a partir do levantamento do vocabulário utilizado na narrativa, constituindo o meio para examinar as denominações populares, em uso, nas diversas regiões do RN, *Leste Potiguar* (Natal), *Agreste Potiguar* (Santo Antônio do salto da Onça), *Central Potiguar* (Macau, Taipu) e *Oeste Potiguar* (Mossoró, Açu) que conferem aos topônimos, aos animais, à fitologia e à culinária, objetivo principal do estudo, tendo em vista, o fato de esses dados haverem sido recolhidos, considerando as bases de investigação geolinguística e sociolinguística.

Para melhor descrição dos dados levantados, o estudo foi iniciado com a identificação do romance, traçando brevemente a sequência dos fatos narrados. Foram excluídos, aqui, os termos e expressões do campo erótico, muito cultivado pelo autor, mas foi procedida a análise dos itens propostos a partir da correlação entre os aspectos linguísticos, sociais e diatópicos dos personagens envolvidos na narrativa.

Para concluir o estudo, foram elencados 67 itens lexicais: expressões populares, nomes da terra potiguar e seus respectivos significados, evidenciando-os de acordo com os fatores condicionadores, tais como ambiente social, idade, sexo e/ou espaço geográfico que envolvem os personagens da obra.

## **1 O romance – O autor: vida e obra**

Diz um dos comentaristas da obra:

Ojuara nasceu aos 28 anos, em uma tarde de agosto na pequena cidade Jardim dos Caiacós. Até então, em seu lugar existia Zé Araújo, homem triste que vivia um clima de humilhação, sob o domínio do sogro e patrão, o dono de um armazém, e de sua esposa Dualiba, mais conhecida como Duá. Ela era nove anos mais velhos que Zé Araújo, com um apetite sexual exagerado e extravagante, não dava sossego ao marido. Zé pretinho, moleque bisbilhoteiro que prestava serviços no armazém, contava tudo o que via pelas frestas das portas e janelas do quarto do casal. A união terminou sete anos depois que Zé Araújo percebeu que estava na boca do povo. Zé partiu. Sumiu para dar a vez a Ojuara. Começou, a partir daí, sua longa saga. (CASTRO, 2006. Sobre Capa).

Pelos sertões adentro, Ojuara traçou sua trajetória de vida. Travou suas pelejas, exerceu sua sedução, viveu a boemia e esta não calou o novo homem em que se transformara. *As pelejas de Ojuara* apresentam personagens cheios de encantamento: são bruxos, valentões, mentirosos, vaqueiros, assombrações, religiosos, todos sob o áspero cenário do sertão e do litoral nordestino, centrado na região do Rio Grande do Norte. Os personagens, conseqüentemente, trazem consigo um conjunto de caracteres que condicionam a sua linguagem, mas no romance de Leandro de Castro, sertão também é sinônimo de magia com cavalos que alçam voo, terras onde correm rios de leite e mel, pavões misteriosos, briga do guerreiro com o príncipe das trevas. Nesse sertão há um nome renascido do imaginário: Ojuara, o cavaleiro sem medo, sem mácula em cujo enredo são retratadas a sua bravura, suas caminhadas e andanças por todas as regiões do solo potiguar.

Nei Leandro de Castro nasceu em Caicó, Rio Grande do Norte, em maio de 1940. Aos cinco anos, já morava na capital, Natal onde mais tarde foi um dos fundadores da revista *Cactus*. Escreveu também no jornal *Tribuna do Norte*, um dos jornais de maior circulação do Estado. Tem formação na área jurídica, mas exerceu a publicidade. Morou no Rio de Janeiro de 1968 a 2005. Escreveu no *Pasquim* sob o pseudônimo Neil Castro. Escreveu dez livros de poesia, sendo o maior número destes voltado para o erotismo, como *Zona Erógena* (1981) e *Era uma vez Erros* (1993). O autor sempre foi preocupado com a discriminação da cultura nordestina, por isso voltou-se para a cultura popular sertaneja, principalmente, a da cultura da região do Seridó, onde nasceu, inspirando-lhe as proezas de Ojuara. Publicou outros romances, entre eles, *O Dia das Moscas* (1983) e *As Dunas Vermelhas* (2004).

Do ponto de vista lexical, pode-se notificar o uso acentuado de expressões típicas do sertanejo nordestino, atribuindo, aos referentes, valores e sentimentos de intensidade representados pelas formas diminutivas e aumentativas das palavras como em: *todinho* (p.35), *de noitinha* (p.64), *escritozinho* (p. 67), uma *xumbregadinha* e, palavras obscenas“... que ferem os ouvidos dos leitores”, (p. 61), um *bichão* (p. 104), *nuzinhos*; *o cochilo destamainho* (p. 83); depois de fazer sexo com a jumenta “ a mula desembestou outra vez, ligeira que só a bexiga lixa...” (p. 61); “Em Taipu foi assim *escritozinho*” (p. 153); Assumiu um ar de complacência para com aqueles dois *ignorantões*, concluiu a lição do dia (p.173). Observa-se, em todo o enredo, um múltiplo emprego terminológico, o erudito e o popular na identificação do autor, narrador e protagonista, os quais são identificados pela linguagem em uso na comunidade de fala dos seus personagens.

## **2 Os nomes da terra potiguar em *as pelejas de Ojuara* – material e métodos**

Apresentar um arcabouço de palavras, de nomes, de expressões que estão na boca do povo potiguar é um dos propósitos deste artigo que se envereda no campo da Dialetoлогия<sup>1</sup>. A primeira inspiração partiu da obra de Cascudo (1968), *Os nomes da*

---

<sup>1</sup> Chama-se dialetologia (ou geografia linguística) o estudo da diversidade diatópica, ou seja, estudo, comparativo ou não, das variedades linguísticas (ou dialetos) observadas num determinado espaço geográfico. A dialetologia desenvolveu-se no decorrer do séc. XIX, a partir dos trabalhos dos neogramáticos. Tem-se Jules Gilliéron (1854-1926) por iniciador, na França, desta disciplina, que se constituiu a partir de pesquisas realizadas para a elaboração do *Atlas linguistique de La France* (1902). A dialetologia é uma das origens da sociolinguística (NEVEU, 2008).

*terra- geografia, história, toponímia do Rio Grande do Norte*, seguida de Melo (1979), *A Várzea do Açú*, Protásio Melo(1981) *Anatomia popular* e a recolha lexical que foi realizada com os inquéritos linguísticos para o *Atlas Linguístico do Litoral Potiguar* (2007) e para o projeto ALiRN. Mas, o romance de Nei (como o é tratado comumente) reserva a qualquer pesquisador o tudo que se quer investigar sobre as especificidades das *falas populares* em nossa região, das crenças e cultura do sertanejo. Ele, portanto, norteou um trabalho a mais, ampliando o universo dos estudos dialetológicos no RN, talvez sem perceber a sua contribuição para essa área de conhecimento.

O primeiro momento do trabalho constou de uma leitura sensorial e intelectual da obra, seguido da transcrição dos itens lexicais correspondentes às áreas semânticas: expressões populares, lugares (topônimos), flora (plantas), fauna (animais) e culinária e um segundo momento, de consultas aos dicionários de língua portuguesa: Houaiss (2004), Aurélio Buarque (1999) e Cunha(2007), Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, para a constatação dos itens dicionarizados ou não dicionarizados, cujas acepções identificam as variantes diatópicas não-oficializadas. Para análise dos fatores condicionadores das variantes lexicais, considere-se I (primeira), II (segunda) e III (terceira), parte, segundo a divisão da obra, o número total de personagens (50), a idade (jovens e adultos), o gênero (homens e mulheres), a localidade de origem dos personagens (zona rural e zona urbana), o ambiente social (contexto social onde ocorrem os fatos: festas, viagens, trabalho, prostíbulos, etc., considerando-os +p (mais privilegiado e -p, (menos privilegiado), conforme o grau de aceitabilidade em nossa cultura.

A partir da tabela 1, observam-se os fatores que evidenciam o fazer linguístico dos personagens; os percentuais constituem uma amostragem dos fatores condicionantes e a ocorrência dos usos lingüísticos no plano lexical, entre os personagens, identificando os usuários dos grupos léxico-semânticos levantados em maior e menor proporção.

**Tabela 1. Alguns fatores extralingüísticos de identificação dos usuários**

Personagem /usuário	Idade		Sexo (gênero)		Localidade		Ambiente	
	Jovem	- adulto	H	M	z.rural	- z.urbana	+p	- p
I parte (13)	02 15%	11 85%	10 77%	03 23%	09 69%	04 31%	02 15%	11 85%
II Parte (37)	03 10%	34 90%	26 70%	11 30%	25 68%	12 32%	10 27%	27 73%
III parte (10)	0 0%	10 100%	06 60%	04 40%	06 60%	04 40%	03 30%	06 60%

Segundo, o procedimento da análise, os usuários *dos nomes da terra* evidenciados, na obra em estudo, são geralmente adultos, do sexo masculino, natural da zona rural, procedentes de um convívio social menos privilegiado.

O narrador personifica-se através dos seus personagens, configurando seu uso linguístico: o mesmo é potiguar, natural da cidade de Caicó (cidade natal do personagem Ojuara), masculino e bastante conservador em seus registros de fala.

## 2.1 As expressões populares

Consideraram-se *expressões populares*, no enredo, todos os itens lexicais ou conjunto de lexias, usadas comumente em situações informais entre os personagens da obra cujos significados, configuram a realidade linguística da região em estudo.

**GRUPO 1. Conjunto de expressões populares (lexias documentadas; contexto da narrativa; acepções dicionarizadas ou não-dicionarizadas - D/ND; contexto)**

(01) **abilolado(a)** - [adj.] estrambelhado(a), bobo(a). “*Os menos exagerados dizem que o ronco do fiofó da abilolada foi um tremor de terra*”. p. 93. ND.

(02) **saltou dos pés** - [sint. adv.] subitamente. ... foi despertado pelo relincho forte da égua. *Saltou dos pés, olhou na direção de Orelha e viu a cascavel...* p. 179; ND.

(03) **catimbozeiro** - [subst.] indivíduo praticante de catimbó. Var.: catimbauzeiro. - *Não é que não goste de frei Damião – disse o catimbozeiro. - Deus me guarde. Mas ele tem atrapalhado um pouco meus ganhos.* p. 215. (D).

(04) **direitinho** - [Adj.] Tal como, parecido com. ... *direitinho um pombo pequeno ou um fogo-apagou, a maiorzinha* p. 182. (ND).

(05) **Eita, cabra arretado!** - Var.: [adj.] arretado; Sujeito destemido; corajoso. *Eita, cabra arretado* [...] – gritou Celso da Silva – poesia é isso. p. 208. (D).

(06) **dar o pira** - [sint. v] Fugir, sair sem ser percebido; fugir. *Deu o pira derna depois do almoço.* p. 144. (D).

(08) **em todo cafundó** - [sint. Adv] *Em qualquer lugar; fim do mundo Também ficou conhecido em todo cafundó, o que em princípio o agradou...* p. 233. (D).

(09) **torou/torar** - [v.] 1. Cortar ou quebrar bruscamente qualquer coisa; 2. [v.] cortar em toras. *Foi no mato e torou uns galhos de goiabeira que fez uma cruz amarrada com embira.* p. 242. (D).

(10) **conversando miolo de quartinha** - [sint.v] Conversa tola, bobagens. *Esperaram, acorados em redor de uma fogueira, conversando miolo de quartinha.* p. 182. (ND).

(11) **menino sambudo** - [SN/ adj.] Criança de barriga inchada ou crescida (adj.) *Começava a invejar o cidadão que casa e fica gordo que nem burro velho, cercado de menino sambudo...* p. 245. (D).

(12) **caningado(a)** - [adj.] Mesmo que importuno, inconveniente. \_ *Mas a caningada só gosta do meu rebanho, Doutor.* p.171. - *Cale a boca, caningada!* p. 68. (ND).

(13) **meter-se à besta** - [sint.v] Tornar-se esperto dizendo “asneiras” – ação tola, impensada. \_ *Só quero que ele se meta a besta comigo - disse o fazendeiro, que não muito com o jeitão do magistrado.* p. 170. (ND).

(14) **boa da gota** - [sint. Adj.] “da gota” significa irritada, muito zangado..(189). “*bom da gota/boa da gota*” *opõe-se ao significado anterior. ... poetana boa da gota, única mulher presente.* p.157. *Eita, fazendeiro chato da gota...* p. 189. (D/ND).

(15) **pé de pau** - Termo genérico para denominação de qualquer árvore. *Ojuara apontou para um pé de pau, onde dois urubus, muito juntos, pareciam conversar.* p. 211. (ND).

(16) **ir chegando (vou chegando)** [sint.v] - Sair. *Ojuara guardou... o embrulho feito ...bebeu um gole dos grandes... e disse que ia chegando. Saiu pela porta larga da bodega.* p. 138. (ND) no sentido usado no texto.

(17) **Vixemaria ~ virgem Maria** – [SN] Interjeição de espanto ou admiração. *Vixemaria!* p. 150. ND.

Os registros de fala retratam o perfil social dos personagens envolvidos na narrativa e, conseqüentemente, a identidade linguística das regiões políticas do RN: falantes da zona rural, fazendeiros, bodegueiros, vaqueiros, viajantes, religiosas,

mulheres de zonas de prostituição, não alfabetizados ou semialfabetizados. Excetua-se a condição do narrador observador que é poeta, escritor e prosador.

## 2.2 Os topônimos

### GRUPO 2. Os nomes de lugares (1.Topônimos documentado; identificação da localidade. 2. Contexto da narrativa. 3. Mesorregião do RN/IBGE/1998)<sup>3</sup>

**(01) Angicos** - 1. Município oficializado em 1833. É o nome de uma lagoa em Portalegre (RN), de um riacho em Currais novos, um rio que corta a BR 304 em Mossoró; serra em Santa Cruz, povoado em Augusto Severo. Originou-se do nome de uma árvore *piptadênia*, de uso multiforme e predileção popular. (CASCUDO, 1968:67). 2. *Na véspera da vaquejada e do encontro de poetas, os participantes começaram a chegar vindo de todos os cantos do mapa do elefante. De Passa e Fica veio a família Lima... De Angicos, Lulu Alves.* p. 156. 3. Central Potiguar.

**(02) Caiçara do Rio do Vento** – 1. Oficializado município em 1963, localizado na BR 304, entre Cachoeira do Sapo e a cidade de Lajes a quem pertenceu como antiga povoação. De caíçara, pau tostado, queimado; o cercado, o tapume, a estacada. 2. *...disse Ojuara. - De Caiçara do Rio do Vento, só gostei do nome. Parece até invenção de poeta.* p. 140. 3. Central Potiguar.

**(03) Caicó** – 1. Município da microrregião do seridó e da mesorregião Central Potiguar, oficializado município no ano de 1787. Topônimo *cariri*, ou *tarairiú*, indígenas aliados aos *Curemas* ou *Panaticuremas*, tiveram aldeamentos na região, determinando o nome, *Caicó*, provindo dos *Caicós* como *Mossoró* veio dos *Monxorós*. Caá-icó significa monte escalvado, em vista dos serrotes existentes em volta da cidade; Caíí-có, roça dos macacos, porque na mesopotâmia dos rios Seridó e Barra Nova, onde foi fundada a cidade de Caicó, havia grandes árvores povoadas por um tipo de macaco arisco e tímido, *Caí*, o *Cebus azarac: caá-ico*, a folha do *icó, Capparis ico.*(1968:75). 2. *Na véspera da vaquejada e do encontro de poetas, os participantes começaram a chegar, vindos de todos os cantos do mapa do elefante. De Passa e Fica veio a família Lima... de Caicó, Leandro de Dona Neide.* p. 156. 3. Central Potiguar.

**(04) Currais Novos** – 1 Município da região do Seridó, atual Central Potiguar, criado em 1890, desmembrado do município de Acari em 1920. Local de paragens onde viviam os índios cariris, seria também o local de “encontros sangrentos com as tropas da repressão aos indígenas, nos fins do sec. XVII. 2. *Clotilde impediu Ojuara de ir chamar o médico que mora em Currais Novos.* p. 266. 3. Central Potiguar.

**(05) Grossos** – 1. Município do Litoral norte do RN, pertencente a região Oeste Potiguar, criado em 1953, tendo sido desmembrado de Areia Branca. *Ilha dos Grossos, na margem esquerda do Rio Mossoró, teve esse nome provindo de um capim espesso e áspero. Paspalum* vegetação abundante no local. Esse município já pertenceu a Aracati, município do Estado vizinho ao Norte, o Ceará. (1968:186). 2 *Haviam-se encontrado numa bodega de Grossos. Zé Pretinho, muito falador, mandou arriar uma garrafa de cachaça para comemorar o encontro.* p. 225. 3. Oeste Potiguar.

**(06) Jardim dos Caiacós** – 1. Povoado do município de Caicó/Caiacós; (v. Caicó) 2. *No caminho de Jardim dos Caiacós até as lonjuras da Amazônia, era onça até dizer chega.* p. 132. 3. Central Potiguar.

**(07) Jucurutu** – 1. Município da região Central do RN, oficializado em 1935, desmembrado de Caicó. Significa voz onomatopáica de uma coruja, *Bubo Megallanicus*, existente no local,

---

<sup>3</sup> Mesorregiões do Rio Grande do Norte/IBGE,1998: Leste Potiguar, Agreste Potiguar, Central Potiguar e Oeste Potiguar.

denominando o riacho da antiga propriedade circunvizinha (CASCUDO, 1968:98). 2. *\_Vou pra Jucurutu. p. 228. “Pois taí. Acho que vou pra Jucuutu. p. 229. 3. Oeste Potiguar.*

**(08) Mossoró** – 1. Mossoró, município da atual região Oeste Potiguar, desde 1853; situa-se a 280 km da capital do estado, Natal. Origina-se o topônimo dos indígenas cariris do grupo MONXORÓ ou MOUXORÓ, habitantes na região, denominado o Rio Apodi ao penetrar no território (1968:106). Sendo torrencial, era xoró, xoxoró, tororó, designativo da espécie, mas sem influência no nome (idem p.106). 2. *Ojuara encontrou a cidade de Mossoró toda enfeitada.. p. 229. 3. Oeste Potiguar.*

**(09) Natal** – 1. O primeiro município oficializado na capitania do Rio Grande do Norte. Foi fundado em 25 de dezembro de 1599, daí o nome Natal. Jamais fora povoação nem vila, nasceu cidade. É banhada pelo rio Potengi, denominado pelos portugueses de Rio Grande. 2. *A lua de mel foi no Hotel Internacional de Natal, para onde os noivos viajaram, na boleia de um misto, deixando para trás restos de comida, comentários... p. 25. 3. Leste Potiguar.*

**(10) Paraú** – 1. Povoação em Augusto Severo, município em 1963. De perau-u, rio do paraú, rio dos buracos submersos onde perde o pé, sumidouro. p. 112. 2. *...Agora estava sozinho, entre Upanema e Paraú. p. 234. 3. Oeste Potiguar*

**(11) Passa e Fica** – 1. Município da região Agreste, criado em 1963, desmembrado do município de Nova Cruz; Um dos últimos municípios norte-rio-grandense ao atravessar a fronteira do Estado vizinho ao sul, a Paraíba. Deve seu nome à Fazenda Passa e fica, trecho das antigas estradas para Campina Grande, Araruna e brejos paraibanos. Constituía, realmente, uma passagem: PASSA ... FICA (1968:228). 2. *Na véspera da vaquejada e do encontro de poetas, os participantes começaram a chegar, vindos de todos os cantos do mapa do elefante. De Passa e Fica veio a família Lima... p. 156. 3. Agreste Potiguar.*

**(12) Santo Antônio do Salto da Onça** – 1. Município da região Agreste Potiguar, foi oficializado município em 1890. Depois foi extinto em 1891 e reintegrada à Goianinha, município do Litoral (Leste Potiguar). No ano seguinte, 1892 foi restaurado e, somente em 1938 voltou à autonomia de município. A denominação popular **Salto da Onça** é análoga à narrativa em *OJUARA* p.169 que deu origem ao topônimo: Diz uma tradição local – segundo CASCUDO, 1968, p.244 – *que, havendo na margem do rio Jacu duas pedras altas onde uma onça-pintada deu um salto tão grande de uma pedra para a outra, que ficou até hoje lembrado.* 2. *Ali em Santo Antônio, naquele dia, Ojuara era a única pessoa que não sabia da história da onça gigante... p. 169. 3. Agreste Potiguar.*

**(13) Taipu** – 1. Município do Agreste Potiguar, desmembrado de Ceará-Mirim em 1891. Fonte das pedras: ita-i-pu, pedra ressoante; pedra-de-sino (CASCUDO,1968:125). 2. *De Taipu até Santo Antônio regulava umas boas léguas de beijo. p.165. 3. Leste Potiguar.*

**(14) Upanema** – 1. Antigo povoado de Areia Branca, Sant’Ana do Upanema e de Mossoró. Em 1938 tornou-se vila e, município em 1953 se desmembrando de outro município – Augusto Severo; De u-panema, água má, imprestável, por não ser piscosa. O mesmo que Ipanema. PANEMA sempre foi o nome popular, admitindo a versão PE-nemã, caminho de voltas, pelas curvas da artéria fluvial (1968:130). 2. *Ojuara preferiu seguir caminho, deixando para trás Mossoró e suas festas. Agora estava sozinho, entre Upanema e Paraú. p. 234. 3. Oeste Potiguar.*

Os nomes de municípios, lugarejos, sítios que fazem parte da narrativa, além de mostrarem a trajetória do herói Ojuara pelas regiões do Rio Grande (do Norte), identificam a divisão política do Estado, algumas manifestações da cultura das regiões e a linguagem que *está na boca do povo*. Além dos catorze topônimos descritos, foram citados ainda: *Pau dos Ferros* p. 271, região Oeste Potiguar; *Macaíba* p.87, região Leste Potiguar; *Florânia* p. 94, Central Potiguar; *São Rafael* p. 198, Central Potiguar; *São José*

da *Passagem* (lugarejo de Caiçara do Rio do Vento) p.106, Central Potiguar; *Ceará-Mirim* p.140, Agreste Potiguar; *Poço Branco* p.141, Central Potiguar. E muitos outros. O herói, como se vê, visitou todas as mesorregiões do Estado numa trajetória histórica cheia de aventuras.

### 2.3 A fauna

A fauna é um campo lexical também bastante produtivo no romance. Há, na sequência narrativa, um número acentuado de registros de nomes de animais que habitam os serrotes e as caatingas do RN. São denominações também conhecidas em outras regiões do Brasil, mais precisamente, nas regiões limítrofes do Estado, sul do Ceará, ao norte do RN e da Paraíba ao sul. As lexias são as dicionarizadas na sua maioria.

#### **GRUPO 3. Composição da fauna (Os animais): itens lexicais documentados; identificação; contexto da narrativa; D/ND.**

(01) **acauã** - Ave da família falconiana, *falconiforme*, falconídea [*heperotheres cachinnans*], distribuída do Panamá à Argentina, cor pardacenta, também chamada de *cauã*, *acanã*, *acaná*, *nacauã*. Origem tupi. ... *trazia sempre no bisaco pó de ovo de acuaã, que cura qualquer mordida de cobra venenosa.* p. 180. D.

(02) **Arribaçã (avoete ~ avoeta ~ avoante)** - Avoante, ave de arribação. *Bicho de sangue muito quente, tão danada de voadora que era capaz de atravessar o mar, a arribaçã apodrecia pouco tempo depois de morte.* p. 183. D.

(03) **bacorinho** - Filhote de porco; leitão novo. \_ *Deixa eu pegar no seu queixinho para que nesta fazenda não morra nenhum bacorinho.* p. 217. D.

(04) **bacuraus** – 1. Ave noturna da família dos *caprimulgiformes*, *caprimulgídeas*. 2. Indivíduo que costuma sair à noite (pop). *Lá fora o pio triste dos bacuraus arrepiava a madrugada.* p. 120. D.

(05) **bicho181**- Denominação genérica a qualquer animal. "... *urubus, taí uns bichos que mereciam fartura de vez em quando...* p. 181... *arrepiou as águas do rio, matou cardumes de curimatãs ovadas, envenenou bicho(s) que bebiam à margem do Piranhas.* p. 262. D.

(06) **boicinga** - Mesmo que cascavel, tipo de cobra venenosa. *Ele sabia que o sangue da boicinga já se espalhava pelos rios de sangue da égua.* p. 179. D.

(07) **canguçu** - Jaguar; onça. ... *e o nosso trato de pegar a canguçu comedora de bezerro?* p. 177. D.

(08) **galo de campina** - Designação dada às aves *passeriformes fringilídeas*, especialmente do gênero *paroaria*, espécie de *porronata*, *dominicana*, *gularis* espalhada em todo Brasil. Geralmente são brancas ou pretas, com a cabeça, mento ou outras partes do corpo vermelhas. [*cabeça vermelha, campina, galo da campina, galo do mato*]. *Impedir esse amor é que nem envenenar o açúcar de um alfenim, é como furar os olhos de um galo-de-campina que nunca mais vai cantar...* p. 207. D.

(09) **garrote** - Bezerro de dois a quatro anos de idade. \_ *Deixa eu cheirar no seu cangote, para que nesta fazenda não morra nenhum garrote.* p. 218. D.

(10) **nambu** - Ave brasileira. *Inambu* ave da família dos Tinâmidas (Tinamus tão Temm.); [*cará-mimoso*]. *Jucurutu é uma cidade pegando fogo. Se o sol se dana mesmo, dá pra fritar em cima das pedras das calçadas ovos de nambu ou de arribaçã.* p. 252. D.



(11) **peba** - Mesmo que tatu-peba; mamífero desdentado, dasipodídeo (*eufhractus sixcinctus*) comum em todo o Brasil. Com três subespécies. Outros nomes ou [var.: *papa-defunto* ~ *tatu* ~ *tatu-bola* ~ *tatu-cascudo*]. - *Mas não como nada, seu! Prove do peba verdadeiro. Experimente a lingüiça de Caicó.* p. 188. D.

(12) **tejuacu** - Designação indígena de lagarto. Réptil *lacertídeo teúdo*, uma dos maiores répteis do Brasil, medindo quase dois metros de comprimento. [var.: *tiú*, *teiuacu*, *teju*, *tejuguaçu*]. *Não era assim que o tejuacu fazia? Quando era mordido por cobra, cavava o cardeiro, mordida sua raiz e voltava para briga de vida ou morte.* p. 180. D.

(13) **tetêu** - Ave *caradriiforme, caradriídea*, também chamada de quero-quero. É caracterizada principalmente pelo esporão vermelho no encontro com as asas e penas longas na região posterior da cabeça. [var.: *chiqueira* ~ *espanta boiada* ~ *gaivota preta* ~ *tereu-tere* ~ *tero-tero* ~ *teu-teu*]. ... e o grito metálico de um **tetêu** condenado a não dormir a noite inteira. p. 187. D.

## 2.4 A flora

### GRUPO 4. Composição e descrição da flora (árvores, arbustos e ervas): itens lexicais documentados; identificação; contexto/narrativa; D/ND.

(01) **algaroba** - Mesmo que algarobeira. Árvore da família das leguminosas, subfamília *Mimosácea* (do gênero *Prosopis*) [var.: *algarobo* ~ *algarrobo*]. ... *com a voz mais alta do que o uivo das folhas de algaroba...* p. 236. ND.

(02) **aroeira** - Árvore brasileira da família das anacardiáceas, de lenho muito duro... Suas folhas são medicinais. ... *fechou de novo a carreira, parece que criou asas, entre a mata de aroeira.* p. 196. D.

(03) **cardeiro** - Planta da família das *Bombacáceas* (*catostemma micrathum Ducke*); designação de várias cactáceas. *Pegou a quicé e saiu à procura de um cardeiro, cuja raiz anulava qualquer peçonha.* p. 180. D.

(04) **goiabeira** - Árvore da família das Mirtáceas (*Psidium guayava Raddi*). Incluída na farmacopéia brasileira por suas propriedades medicinais. [*Pé de goiaba*]. Fruto: goiaba. *Foi no mato, torou uns galhos de goiabeira, fez uma cruz amarrada com embira.* p. 242. D.

(05) **gameleira** - Tipo de árvore cujo tronco se destina à fabricação de gamelas: **mulumgu**, por exemplo. *Escorou-se no tronco da gameleira, levantou uma das pernas, direitinho como os cachorros fazem ...* p. 92. D.

(06) **juazeiro** - Árvore nativa das caatingas, da família *Ramnáceas* (*Zisiphus joaseiro Mart.*). Fruto: juá. ... *Pau d'arco e juazeiro...* p. 195. D.

(07) **jurema preta** - Árvore da família das leguminosas, subfamília *Mimosácea* (*Mimosa nigra Hub.*) da caatinga. ... *jurema-preta e pereiro com as pontas arrancava.* ... p. 195. D.

(08) **mandacaru** - Planta (arbusto) brasileira da família dos cactus ou *cactáceas*, freqüentes nas caatingas. *Mas logo ficaram para trás, rasgados pelos espinhos do juremal, dos xique-xiques e dos mandacarus.* p. 195. D.

(09) **pau d'arco** - Árvore do Brasil da família das *Bignoniáceas* (*Tecoma heptaphylla Mart.*); Ipê. ... *Moitas grande de mufumbo no peito ele levava. Pau d'arco e juazeiro, jurema-preta e pereiro com as pontas arrancava. E o cavalo de Ojuara em cima, desembestado como os seiscentos diabos.* p. 195. D.

(10) **pé de pau** - Termo genérico para denominação de qualquer árvore. *Ojuara apontou para um pé de pau, onde dois urubus, muito juntos, pareciam conversar.* p. 211. ND.

(11) **pereiro** - 1. variedade de macieira, planta da família das *Euforbiáceas* (*Pêra globrata Baill.*). 2. ...da família das *Apocináceas* (*Aspidosperma pyriforme Mart.*) . ... *jurema-preta e*

*pereiro* com as pontas arrancava. E o cavalo de Ojuara em cima, desembestado como os seiscentos diabos. p. 195. D.

(12) **quixabeira** - Árvore da família das *Sapotáceas* (*Bumelia sartorum* Mart.) muito frequente na caatinga. [var.: rompe-gibão ~ pé de quixaba]; fruto da quixabeira: quixaba. - *Com folha de quixabeira passa – ela disse*. p. 266. D.

(13) **xique-xique** - Espécie de *cactus*, planta da família das *cactáceas*, própria dos serrados e caatingas. [var.: *xique-xique do sertão*]. p. 195. D.

Dos treze itens documentados apenas *pé de pau e algaroba* [alga'røbø] não obtiveram o *status* dicionarizado. O primeiro, embora seja um item comumente usado, não está registrado nas fontes consultadas e o segundo, pelas duas entradas lexicais, sendo uma delas apresentada com acepção diferente do contexto da narrativa e a outra, segundo a acepção dos dicionários consultados.

## 2.5 A culinária

A culinária é uma das áreas semânticas também exploradas pelo autor Ney Leandro de Castro: uma amostragem da comida típica potiguar, principalmente, dos alimentos caseiros produzidos nas fazendas, botequins, e em pequenos restaurantes de beira de estradas: *carne de sol com batata doce, cuscuз de milho amarelo com leite* e *carne assada* (carne de bode, de carneiro ou de gado) estão sempre na *mesa* do povo potiguar.

### GRUPO 5. A culinária norte-rio-grandense: itens lexicais documentados; identificação; contexto/narrativa; D/ND.

(01) **beiju** - Modalidade de tapioca (v. p. 55). *Agarrou-se com um beiju dos grandes, cobrindo-o com quatro talhadas de queijo de manteiga ...* p. 204. D.

(02) **bolo-da-moça** - Tipo de bolo produzido apenas com farinha de trigo, óleo, açúcar e ovos; os ingredientes tornam-no macio e consistente semelhante ao leite condensado (leite-moça). *E tinha provado do bom e do melhor. ... tapioca, bolo preto, bolo de carimã, bolo da moça. Batata doce ...* pp. 54-55. ND.

(03) **carne de charque com batata doce** - Mesmo que carne de jabá, servida com batata doce, geralmente no café da manhã. *Tou brincando doutor – disse o bodegueiro. – Mas uma carne de charque com batata doce inda posso arrumar.* p. 143. ND.

(04) **carne de sol** - Carne bovina temperada apenas com sal e exposta ao sol para o consumo; há várias receitas para o seu consumo. *Era o corcunda empurrando o carrinho com café da manhã. Fatura muita: queijo de coalho, queijo de manteiga, carne de sol...* p. 41. D.

(05) **galinha de cabidela** - Galinha caipira preparada ao molho feito com o sangue da própria galinha. *... queijo sertão, panelada, buchada, mão de vaca, rabada, galinha de cabidela, guiné torrado...* p. 55. D.

(06) **guiné torrado** - Guiné ou galinha d'angola, guisado, assado à panela. *Era uma mesa de doze metros por três, onde havia de tudo: de cuscuз a jabá, de queijo de coalho a guiné torrado.* p.188. ND.

(07) **linguiça de Caicó** - Tipo de linguiça produzida na cidade de Caicó/RN, microrregião do Seridó ocidental: de peixe, de frango. - *Mas não como nada, seu! Prove do peba verdadeiro. Experimente a linguiça de Caicó.* p. 188. ND.

(08) **macaxeira com manteiga de garrafa** – Prato típico do sertão, preparado com aipim cozido, temperado com *manteiga de garrafa* (item 02), comumente servido no café da manhã

ou nos jantares. *E já tinha comido do bom e do melhor. Macaxeira com manteiga de garrafa, queijo de coalho ...* p. 54. ND.

(09) **manteiga de garrafa** - Manteiga de produção doméstica, armazenada em garrafas de vidro. *Tinha provado do bom e do melhor. Macaxeira com manteiga de garrafa, queijo de coalho...* p. 55. ND.

(10) **tapioca** - Alimento feito de farinha de mandioca, com recheios variados; no nordeste, é comumente recheada com coco. *Tinha provado do bom e do melhor. Macaxeira com manteiga de garrafa, queijo de coalho... tapioca.* p. 55. D.

### **Considerações finais**

A proposta deste trabalho foi a de apresentar o que foi chamado de um arcabouço de palavras, que representa a produtividade vocabular nas regiões potiguares, itens lexicais em uso, os que estão *na boca do povo potiguar*, registrados na trajetória traçada pelo narrador observador e onisciente no Romance de Nei Leandro de Castro. Em sua narrativa, pôde-se identificar o falante urbano e o rural, o litorâneo e o sertanejo entre os diferentes personagens envolvidos na trama. Nisto, notifica-se a importância da obra em estudo, dentre outras, cuja seleção está sendo feita para esse fim. Portanto, foi apresentado o levantamento dos itens lexicais identificadores de expressões populares, topônimos, animais, plantas e culinária da região, seguido de uma breve descrição dos respectivos significados, ao considerar que o estatuto ou valor das variantes em uso estará sempre condicionado por fatores de ordem dialetológica (diatópicos), diastrática, bem como poderá resultar de outros condicionamentos mais restritivos ao campo lexical do item referenciado.

O procedimento da seleção lexical, aqui realizado, segue os princípios teóricos da geolinguística e da dialetologia a partir da pressuposição de que num conjunto de variantes lexicais identificado, configuram delimitações de áreas dialetais específicas (no caso, o urbano e o rural, o litorâneo e o sertanejo) devidamente comprovadas. Quer dizer, o contexto geográfico do uso das variantes em estudo se configura, segundo a sua representatividade geográfica e sua relação com outras áreas e pontos de contatos. A produtividade lexical, neste caso, refere-se aos fatores que ocasionam as variações linguísticas as quais estão intrinsecamente relacionados e submetidos a um conjunto de circunstâncias internas e externas à língua. Alguns desses fatores podem ser traduzidos na relação entre língua e espaço físico; são as variações geográficas que, por sua vez, estão constantemente condicionadas a fatores sociais, culturais e históricos (ISQUERDO; CUBA, 2009. p.146) como os vivenciados na obra em estudo.

Finalmente, como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, conclui-se que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que surgem da variação inerente ao plano lexical como em expressões do tipo: *votes!*; *teve uma vez que quase morria; vixemaria!* (2006:50); *sostou o senhor; tá com o bucho encostado no espinhaço* (p. 114). ... *e partiu na boquinha da noite* (p. 165); *Não se avexe, não esse menino!* (p. 67); *Eita, trabalho difícil da gota serena!*

### **Referências bibliográficas**

AGUILERA, V. de A. (Org). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005. 498 p.

\_\_\_\_\_. Um estudo lexical em documentos notariais paranaenses. In: CALLOU, M. Dinah I.; DUARTE, Maria Eugênia L. (Orgs.) *Para a história do Português Brasileiro*. Vol. IV Notícias de *corpora* e outros estudos. Rio de Janeiro: UFRJ/Letras/FAPERJ, 2002. pp. 223-235.

CARDOSO, Suzana Alice; FERREIRA, Carlota da Silveira. *O Léxico Rural*. Salvador: Universidade federal da Bahia, 2000. 147 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Os Nomes da terra – geografia, História e Toponímia do Rio Grande do Norte*. Natal: Fundação José Augusto, 1968. 321 p.

CASTRO, Nei Leandro de. *As Pelejas de Ojuara: O homem que desafiou o diabo*. 5ª. ed. São Paulo: Arx, 2006. 271 p.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007. 839 p.

CUNHA, Claudia de Souza.(Org.). *Estudos geo-sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006. 194 p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 907.

ISQUERDO, Maria aparecida; CUBA, Marigilda Antônio. Léxico e história social: um estudo da variante lexical neve no Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso. In: *SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 145-162, jul. 2009.

MEDEIROS, Max Antônio Azevedo de. *Palavreado Cá de Nós – Linguajar do povo seridoense – Dicionário Ditados populares Expressões*. 1ª.ed. Caicó/RN: NetoGraf, 2007. 315 p.

MELO, Manoel Rodrigues. *Várzea do Açú – paisagens, tipos costumes do vale do Açú*. São Paulo: IBRASA(Brasília)/INL, 1979. 281 p.

MELO, Protásio P. de. Anatomia popular. In: *Boletim do Museu Câmara Cascudo – UFRN*. Ano I, n.1. Natal: Museu Câmara cascudo/UFRN, 1981. pp. 25-5

PEREIRA, M. N; ARAGÃO, Maria do Socorro S. Atlas linguístico do Rio Grande do Norte – um projeto em desenvolvimento. In: AGUILERA, V. de Andrade. (Org.) *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005. pp. 286-297.

PEREIRA, M. das Neves. *Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar*. 2007. 423 f. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. Área de Concentração: Língua Portuguesa - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. *Projeto Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte: versão 2008-2009*. (Digitado). Natal: Universidade Potiguar/UnP/PROPESQ, 2008.